

A Reflexão Filosófica como Obra do Amor

Cleide Cristina S. Scarlatelli *

Resumo

Pensar a relação entre ética e ensino de filosofia a partir de uma reflexão sobre o amor e o conhecimento. Apresenta-se uma crítica do conhecimento objetivo e os caminhos para uma busca de uma configuração do filosofar a partir do amor.

Palavras- Chave: Amor; Conhecimento objetivo; Filosofar.

Abstract

Thinking the connection between Ethics and The Teaching of Philosophy on the basis of a reflection on love and knowledge. The article presents a critique of objective Knowledge and the paths for a search for a configuration of philosophizing based on love.

Keywords: Love; Objective Knowledge; Philosophizing.

Introdução

A história de um texto tem muitos destinos. Primeiro, aqueles que nascem do mundo dos autores. Mas, também, há aqueles outros destinos que vão sendo traçados quando um texto é apropriado na vida de cada um dos leitores. No momento do convite a pensar as relações entre ética e o ensino de filosofia me ocorreu um destino: a recordação das palavras de Gerd Bornheim¹, em sua obra *Introdução ao Filosofar* destinada a todos aqueles que decidem assumir os caminhos do labor filosófico. O capítulo final dessa obra, é um trabalho de compreensão da conversão filosófica que implica em um “ato de assumir, de tomar a si a responsabilidade do real”. (BORNHEIM, 1989, p.81).

As raízes desse movimento em direção ao filosofar se encontram, precisamente, numa resolução peculiar que envolve os nossos próprios destinos, num sentido de

* Psicóloga, Bacharel em Filosofia, Mestre em Filosofia, Doutora em Teologia. Professora do ICH – PUCMINAS. E-mail: cleidescarlate@hotmail.com

¹ Gerd Bornheim, Filósofo brasileiro(1929-2002), nasceu em Caxias do Sul. Foi Professor na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Entre as suas obras destacamos: *O sentido e a Máscara*; *Teatro: a cena dividida*; *Introdução ao Filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*; *Brecht: a estética do teatro*; *O Idiota e o espírito objetivo*; *Sartre: metafísica e existencialismo*; *Metafísica e Finitude*; *Páginas de Filosofia da Arte*.

“compromisso do coração”², descrito com irretocável beleza por Guimarães Rosa, que o assume como regra fundamental, o maior, mais importante e humano compromisso, leis de sua vida, trabalho e responsabilidade (COUTINHO, 1983, p. 74). Portanto, essa resolução de forma alguma comporta algo de exterior, abstrato ou superficial, como “se fosse um jogo do espírito exterior à existência concreta ou que atendesse aos dotes especialmente talentosos de uma determinada pessoa” (BORNHEIM, 1989, p.82). Por isso, Bornheim pode afirmar que essa resolução é da ordem de uma metanóia que nos compromete em nossa inteireza. A esse respeito, Bornheim escreve:

Para aceder a uma filosofia como a de Spinoza não é suficiente seguir e perceber o desenvolvimento lógico-tão rigorosamente lógico, no caso- de seu pensamento, pois este acesso só se verifica através de uma conversão que se situa, por assim dizer, dentro daquela resolução inicial, na qual se encontra realmente, em toda concreticidade, o seu compromisso.(BORNHEIM, 1989, p.82-83).

Toda uma visão da História da Filosofia marcada por um comportamento exterior e por uma leitura horizontal sofre, como assinala Bornheim, de um equívoco falsificador do seu próprio objeto, porque se compreende tudo menos a alma do pensamento do filósofo estudado. “Nesse sentido podemos dizer que a filosofia não é a História da Filosofia, mas o filosofar que radica em uma resolução própria de todo autêntico filósofo, e que é da ordem da eternidade” (BORNHEIM, 1989, P. 83).

No fundo dessa resolução encontra-se uma abertura ao real num sentido de consentimento. Consentir implica em admiração e generosidade amorosa. Na origem existencial do filosofar, experimenta-se uma relação profunda entre o consentimento filosófico e o amor. “Compreende-se que o ato de consentir não é simples, qualquer coisa de um peça só, mas um todo complexo, afastado de uma atitude simplesmente intelectual, analítica, que se aproxime de seu objeto com a frieza de uma dissecação anatômica”(BORNHEIM,1989, p. 89).

² Guimarães Rosa a esse respeito escreve: “Conheço meu lugar e minha tarefa; muitos homens não conhecem ou chegam a fazê-lo quando é demasiado tarde. Por isso tudo é muito simples para mim e só espero fazer justiça a esse lugar e a essa tarefa. Veja como o meu credo é simples. Mas quero ainda ressaltar que credo e poética são uma mesma coisa. Não deve haver nenhuma diferença entre homens e escritores; esta é apenas uma maldita invenção dos cientistas, que querem fazer deles duas pessoas totalmente distintas. Acho isso ridículo. A vida deve fazer justiça à obra e a obra à vida. Um escritor que não se atém a esta regra não vale nada nem como homem nem como escritor. Ele está face a face com o infinito e é responsável perante o homem e perante a si mesmo. Para ele não existe uma instância superior. Para que você não tenha que me interrogar a esse respeito, gostaria de explicar meu compromisso, meu compromisso do coração(...).(COUTINHO, 1983, p.73)

II

A reflexão kierkegaardiana encontra precisamente essa direção para o filosofar³. Sabemos bem que Kierkegaard diagnostica em seu tempo as doenças de que sofre a reflexão⁴, portanto, fazendo parte de uma tradição no ocidente que pensa a compreensão tanto da filosofia quanto da religião, a partir de termos como doença e saúde(GOUWENS, 1996,p. 27)⁵. Se nas origens gregas da filosofia Kierkegaard vê o processo de reflexão com admiração, principalmente na figura de Sócrates, na culminação da modernidade diagnostica uma ‘objetividade’ mal aplicada (GOUWENS, 1996, p. 29-30). Essa valorização da Grécia Clássica se relaciona com a concepção kierkegaardiana da existência como subjetividade apaixonada. Se os caminhos niveladores, anônimos ou abstratos da modernidade são representados pelo sistema hegeliano, a Grécia é aqui apresentada como um lugar que possibilitou o nascimento de um certo gênero de existência que implica na afirmação da singularidade (CLAIR,1997,p. 43). Na segunda seção do *Postscript* compreendemos que na Grécia era realmente difícil abandonar a existência enquanto que na modernidade a abstração tornando-se bem fácil conduziu a existência para bem longe. “O

³ A elaboração desse texto tem como referência a minha tese doutoral que tem como objetivo geral a reflexão sobre ética e conhecimento. ROHDEN, Cleide Cristina Scarlatelli. *A reflexão teológica como obra do amor*. Tese de doutorado em cumprimento parcial das exigências do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia para obtenção do Grau de Doutor em Teologia. São Leopoldo: EST/IEPG, 2001.

⁴ Segundo GOUWENS, “a ‘reflexão’ é um termo amplo para Kierkegaard, indicando não somente a atividade intelectual e de pensamento de uma pessoa, mas também o caráter ou tom da vida afetiva e imaginativa de uma pessoa. Inclui os modos nos quais as pessoas sonham e projetam imagens delas mesmas, como elas pensam - com ou sem esperança - sobre suas perspectivas e possibilidades, e como se relacionam - ou deixam de se relacionar - com aquelas imagens. Aponta para questões como viver no auto-engano como oposto a viver ‘verdadeiramente’. Inclui também *como* uma pessoa exercita suas capacidades intelectuais em qualquer que seja o esforço, se ‘apaixonadamente’ ou ‘à distância’” (GOUWENS,1996, p. 27).

⁵Kierkegaard deixa claro esse modo de ver a vida humana a partir de termos como doença e saúde quando, em *O instante*, pensando na compreensão religiosa da vida escreve um artigo intitulado “Opinião médica” onde afirma que a religião de sua época está doente: “Imagine um hospital. Os pacientes estão morrendo como moscas. Muda-se o tratamento para um jeito e para outro: não ajuda. A que, então, se deve isso? Deve-se ao prédio; há uma substância tóxica em todo o prédio. Que os pacientes sejam registrados como mortos, um dessa doença, outro de uma outra, realmente não é verdade, porque eles estão todos mortos por causa dessa substância tóxica que está em todo prédio. É o mesmo na esfera religiosa. Que a condição religiosa está deprimente, que as pessoas estão em uma condição religiosa de dar pena, é inegável. Então, alguém pensa que ajudaria se tivéssemos um novo hinário, um outro um novo livro de altar, um terceiro um culto musical, etc., etc. É fútil - porque se deve ao prédio. Todo esse monte de lixo de uma Igreja estatal, onde desde tempos imemoriais não houve, no sentido espiritual, nenhum arejamento - o ar confinado nesse velho monte de lixo tornou-se tóxico. Portanto, a vida religiosa está doente ou expirou, porque, ai, precisamente o que a mundanidade considera como saúde é, em termos cristãos, doença, assim como, inversamente, a saúde cristã é considerada pela mundanidade como doença” (KIERKEGAARD, 1998, p. 157-158).

que é o pensamento abstrato? É pensamento onde não há pensador. Ignora-se tudo menos o pensamento”(KIERKEGAARD, 1992, p. 332).

Em uma passagem de seu diário, Kierkegaard afirma que em seu tempo “freqüentemente acredita-se que a tarefa é tornar-se mais e mais objetivo, despir-se de sua subjetividade.”(HONG, 1975, p. 346) E, em outro lugar do seu diário, encontramos a mesma consideração com relação ao objetivo quando escreve que “a doutrina objetiva, o objetivo, isso é o que é reclamado, e a subjetividade é desdenhada”(HONG, 1975, p.357). O conhecimento objetivo se coloca como “a coisa principal: desse modo todo exame, todo esforço existencial (a direção: tornar-se objetivo) são evitados”(HONG, 1975,p.360). A ocorrência dessa doença se deve a uma exacerbação do pensamento objetivo que afeta o pensador. O pensador vive abstratamente, restrito ao puro pensamento, sem relacionar o que reflete com sua existência concreta, fugindo, assim, da tarefa de ser “ser humano existente”. Como explica Kierkegaard, “para especular, (...), deve abandonar-se, perder-se na objetividade, desaparecer de si próprio”(KIERKEGAARD, 1992, p. 56). Quando a reflexão é contaminada por esse mal, o pensador esquece que é um ser humano existente, em outros termos, a existência fica dissolvida, transformando o sujeito em um ser fantasmagórico, construído fantasticamente *in abstracto*. Encontramos o pensamento abstrato precisamente onde não há qualquer vestígio de pensador. Mas filosofar, como escreve Kierkegaard, “não é falar fantasticamente a seres fantásticos mas falar a existentes individuais”(KIERKEGAARD, 1992, p. 121) . Entretanto, a filosofia de sua época, afetada por um tipo de distração histórico-mundial esqueceu o que significa ser um ser humano, apesar de saber bem o significado de um ser humano em geral é indiferente ao que “significa que nós, você e eu e ele, somos seres humanos”(KIERKEGAARD, 1992, p. 120).

Segundo Gouwens, nesses papéis desempenhados, seja como pensador objetivo ou como um fantástico amante da humanidade preside uma lógica perversa de auto-engano ou mesmo um recuo diante da tarefa de auto-conhecimento (GOUWENS, 1996, p. 39). Há uma falta de interesse pelo existente singular, numa atitude de indiferença por parte do sujeito que se distrai num jogo de conceitos completamente estranho à realidade da existência. Kierkegaard em seu diário afirma que “o pensamento objetivo não se importa em absoluto com o pensador e finalmente torna-se tão objetivo que, como um funcionário de

alfândega, acha que somente precisa escrever, e que os outros devem ler”(HONG, 1975, p. 347). A partir dos esforços sem limites do conhecimento objetivo tanto a busca de se viver eticamente como a própria fé passam por um esvaziamento assustador ao conduzir o pensamento para bem longe do ser humano existente. A profissionalização da filosofia e da teologia, tanto no contexto clerical quanto universitário, na modernidade, toma como direção esses caminhos da objetividade mal aplicada, opostos àqueles trilhados pela filosofia em suas origens gregas onde a paixão pela verdade filosófica é primeira. Na visão kierkegaardiana, Sócrates “não queria receber nem honras, nem dignidades, nem dinheiro pelo seu ensinamento”(KIERKEGAARD, 1995, p. 44-45). Em relação à teologia, Cristo, os apóstolos e primeiros cristãos que no cristianismo são considerados como vidas, tornaram-se meramente uma questão de doutrina ou erudição científica(GOWUENS, 1996, 40). Uma questão de vida é agora uma disciplina tratada com objetividade dentro de um currículo, ou ainda, se experimenta a vida religiosa como um simples negócio. Em seu diário, Kierkegaard escreve:

Isso eu não entendo: ser capaz de ser objetivo desse modo sobre o religioso. No sábado a pessoa veste o religioso (mais ou menos como um advogado pega os seus livros de direito) e “coloca seus esforços nisso”, elabora um sermão, o qual profere no domingo- mas de outro modo não tem nada a ver com o religioso; não o envolve totalmente, nunca toma-o de repente - não, é um negócio como o do comerciante, do advogado, do administrador (HONG, 1975, p.355).

III

Essa crítica ao conhecimento objetivo é retomada na segunda parte de *As obras do amor* à luz da reflexão sobre o amor. As pretensões do conhecimento objetivo são enfraquecidas. Segundo Kierkegaard, a partir do conhecimento, o que tenho são possibilidades opostas em perfeito equilíbrio. Através do conhecimento “tu chegas até o equilíbrio, se o exercitas como uma arte acabada”(KIERKEGAARD, 2005, p. 265). Anthony Rudd, ao analisar essa questão, explica que (...) nós não somos forçados pelo conhecimento objetivo a interpretar algo de um jeito ao invés de outro. Somos livres para interpretar o dado diferentemente (...)” (RUDD, 1999, p. 123). Por isso, Kierkegaard pode afirmar que esse é o modo da existência de nos testar ao colocar o engano e a verdade em perfeito equilíbrio de possibilidades opostas, pois na medida em que assim são colocados, a

decisão tem a ver com o amor ou a desconfiança presente em cada um de nós. Em *As obras do Amor* Kierkegaard nos oferece um ótimo exemplo que ilustra com clareza o lugar que ocupa o conhecimento em nossas decisões. Sabemos bem que um servidor da justiça sabe melhor até mesmo do que um criminoso de todas artimanhas do mundo do crime e nem por isso é corrompido por essas informações que possui, porque o conhecimento “é como transparência crua e nua, e justamente aí a mais perfeita e mais pura, assim como a perfeição da água consiste em não ter sabor algum”(KIERKEGAARD, 2005, p. 264). Como podemos ver, o primeiro aspecto de uma reflexão sobre o conhecimento à luz de *As obras do amor* implica numa relativização das pretensões do conhecimento e uma percepção clara do critério decisivo para a minha avaliação de mundo: o amor que eu nutro ou não pela realidade. Com base no conhecimento não há como chegar a qualquer conclusão. O conhecimento é neutro, não contamina nem purifica.

Muitos, portanto, equivocam-se e crêem poder julgar pelo que conhecem e se sentem seguros, certos de que não vão se enganar. Entretanto, segundo Kierkegaard, o que pensamos ser o mais puro sentimento pode ser um grande engano como também o contrário. “Verdade e falsidade se estendem absolutamente até o mesmo ponto; portanto pode ser possível que mesmo o que se mostra como a atitude mais baixa poderia ser puro amor”(KIERKEGAARD, 2005, p.259). Importante sublinhar que mesmo quando nós nos referimos àquelas afirmações “empíricas ordinárias sobre o mundo natural, nós temos possibilidades de dúvida ou crença que, assim como o amor ou a desconfiança em *Works of Love*, são atitudes escolhidas, nenhuma das quais simplesmente segue do conhecimento objetivo”(RUDD,1999, p.27).

No discurso “o amor cobre uma multidão de pecados”, Kierkegaard continua essa reflexão apontando para a questão da escolha envolvida em toda explicação. Os fatos são básicos, é a explicação que vai decidir o que aquela coisa vem a ser e por isso explicar implica sempre numa escolha.(KIERKEGAARD, 2005, p.328). Vale ressaltar que “não há nenhum fundamento racional determinante para a escolha”(KIRMMSE, 1990, p.315). É a partir do amor que está presente ou ausente em mim que avalio o mundo, e não pelo conhecimento objetivo. “Quando então o engano e a verdade se colocam no equilíbrio das possibilidades diametralmente opostas, a decisão é a seguinte: saber se há em ti desconfiança ou amor”(KIERKEGAARD, 2005, p. 259).

Diante da neutralidade do conhecimento que coloca em equilíbrio as possibilidades opostas nos conduzindo a uma suspensão do juízo, Kierkegaard aposta no amor. Em outras palavras, Kierkegaard não para na suspensão do juízo (RUDD, 1999, p. 133) mas através de uma série de discursos, em *As obras do amor*, nos recomenda o caminho de uma explicação que cobre uma multidão de pecados. Segundo Anthony Rudd, Kierkegaard percebe que nada é objetivamente certo, e, por isso, sempre é possível interpretar diferentemente o comportamento de uma pessoa. A pessoa amorosa, embora não seja em nada ingênua porque sabe que há possibilidade de interpretações mais cínicas escolhe a interpretação mais generosa. “O conhecimento em si mesmo é objetivo e, portanto, hipotético; o indivíduo existente deve escolher se interpreta os fatos cinicamente ou amorosamente” (RUDD, 1997, p.33-34).

IV

Nas trilhas de *As obras do amor* partimos de uma reflexão sobre o conhecimento em direção ao mandamento do amor ao próximo. Três discursos edificantes apontam para a configuração de uma apreensão amorosa da realidade, libertando a reflexão dos delírios de uma objetividade mal aplicada: “O amor tudo crê- e no entanto jamais é iludido - “O amor tudo espera – e no entanto jamais é confundido” - “O amor cobre uma multidão de pecados”.

Quando a reflexão labora com base no amor a pessoa tudo crê e, crendo, busca sempre interpretar benevolmente as ações. Na verdade, “o bem é objeto da fé”(KIERKEGAARD, 2005,p. 265) ao contrário da desconfiança, que, nada crendo, acaba por se aproximar do mal. Essa tendência para o mal que caracteriza a desconfiança reside na sua própria natureza incrédula, na medida em que, ao nada crer, revela que não tem nada de bom em si (KIERKEGAARD, 2005, p.230). A desconfiança vê sempre o mal no outro, mas o amor sempre espera pela possibilidade do bem. O amor tudo espera. “Feliz aquele que ama, pois ele espera tudo; até mesmo no último instante ele espera para o mais perdido dos homens a possibilidade do bem!”(KIERKEGAARD, 2005, p. 293) .O amor mantém o texto aberto. Não há conclusões. A relação de quem ama para com o outro mantém “constantemente aberta a possibilidade com uma infinita predileção pela possibilidade do

bem”(KIERKEGAARD, 2005, p. 286). O desesperado possui o conhecimento de que a cada momento há sempre possibilidade, mas a abandona. O desesperado,

(...) rompe com o eterno e acaba arbitrariamente com a possibilidade; ele coloca sem o consentimento da eternidade a conclusão onde ela não está, em vez de, como o que escreve o ditado de um outro, sempre ter a sua pena pronta para a seqüência, sem se atrever a absurdamente pôr o ponto antes do fim da frase ou a jogar fora a pena em um gesto de revolta. (KIERKEGAARD, 2005, p.284)

Do ponto de vista do amor, não há desistência ou negação do outro, por maior que seja seu pecado. A pessoa que se dedica à arte de interpretação conduzida pelo amor em nada se parece com um magistrado encarregado de desvendar, descobrir crimes e delitos. “Nós não temos vocação para juízes nem para servidores da justiça”(KIERKEGAARD, 2007, p.330), mas somos chamados para viver o amor. Por isso, devemos empregar nossos talentos na arte de interpretar à luz de explicações atenuantes. A pessoa amorosa renuncia a prática condenatória e afirma o exercício hermenêutico que zela pela alteridade do outro.

Nunca abandones, portanto, desamorosamente, nenhum ser humano, nem jamais renuncies à tua esperança em favor dele, pois seria possível que até mesmo o filho mais fingido acabasse sendo salvo, que o inimigo mais fingido, aquele que fora teu amigo, é possível, afinal de contas, que ele outra vez se tornasse teu amigo; é possível que aquele que mergulhou mais fundo, aí, porque se elevava tão alto, é possível que ele de novo possa ser levantado; é possível afinal que o amor que esfriou possa de novo chegar a arder; por conseguinte jamais renuncies a nenhum ser humano; nem mesmo no último instante, não desespera; não: espera tudo!(KIERKEGAARD, 2005, p. 287).

As obras do amor se realizam numa dinâmica de edificação e afirmação do outro. A tarefa da pessoa amorosa é precisamente amar as pessoas que vê renunciando àquelas representações fantásticas em relação ao outro. “Temos de nos tornar sóbrios, conquistar a realidade efetiva e a verdade encontrando e permanecendo no mundo da realidade”(KIERKEGAARD, 2005,p.190). Devemos abandonar essa vontade de querer introduzir no outro qualidades que desejaríamos que tivesse, pois, assim o fazendo, amamos não quem vemos mas uma representação ilusória. Eliminamos um defeito, acrescentamos uma perfeição e deixamos de cumprir a tarefa de amar quem vemos, tornando irreal a feição do outro. “Essa mania de criticar, insegura no olhar e contudo num outro sentido tão meticulosa, volatiza a figura real ou se choca contra ela e então ardilosamente exige ver alguma outra coisa”(KIERKEGAARD, 2005, p.194). Isso é bem próprio daquela pessoa rigorosa e mandona, que sempre busca o que é seu, triturando o

caráter distintivo da outra pessoa. Por isso quando não cria, tenta transformar “a fim de dizer de tudo o que ele designa: eis minha imagem, eis meu pensamento, eis minha vontade.(KIERKEGAARD, 2005,p.305).Só o amor verdadeiro encontra uma atitude de despojamento, de uma permanência na disponibilidade, que não procura o que é seu mas tem um olhar em direção à realidade e ao outro.

V

A pergunta sobre as origens da filosofia, em *Introdução ao Filosofar*, nos remete ao trabalho do amor e suas obras. Também a recordação dessa obra de Gerd Bornheim, durante a elaboração desse texto, assumiu ao mesmo tempo os caminhos da filosofia e os caminhos do amor. Aqueles que decidem assumir o labor filosófico num mesmo movimento assumem as obras do amor. A sabedoria e o amor se entrelaçam no texto filosófico. Entre as obras do amor Kierkegaard nos pede que não nos esqueçamos de considerar “a obra de amor que consiste em recordar uma pessoa falecida” (KIERKEGAARD, 2005). De todas as obras essa é a mais livre. O falecido no seu silêncio, não grita, não pede, não implora, te deixando livre na tua manifestação do amor. É também a mais desinteressada pela impossibilidade de retribuição e a mais fiel porque continuas a recordá-lo sem qualquer coerção, já que nada o falecido pode fazer para te segurar.

Vai então e exerce-a, recorda o falecido e aprende justamente assim a amar as pessoas vivas de modo desinteressado, livre e fiel. (...) Recorda-te do falecido: então além da benção que está inseparavelmente ligada a essa obra do amor, terás ainda o melhor dos guias para compreender a vida corretamente: que é dever amar os homens que não vemos, mas também os que nós vemos. (KIERKEGAARD, 2005, p. 399-340).

Durante muitos anos trabalhei com a obra do Gerd Bornheim, *Introdução ao Filosofar*. Em um encontro na UNISINOS em 1999, tive a alegria de conhecê-lo e me recordo que ele dizia que a sala de aula era um espaço de criação para o professor. Li alguns dias atrás, em um texto que o homenageava, algo muito próximo a essa recordação. Rosa Maria Dias conta que ao saber que a morte se aproximava percebia uma certa tristeza no rosto de Bornheim, já sentindo a falta dos amigos e da sala de aula que para ele era um lugar para experimentação(DIAS, 2006, p. 92). Bornheim não era um Professor de Gabinete. Recordemos o seu compromisso em pensar a cultura brasileira e dela participar.

Ele realmente assumiu a responsabilidade com a sociedade de quem decide pelos caminhos do filosofar. Gerd Bornheim faleceu em 2002 nos deixando uma obra que é uma herança e um testemunho de responsabilidade intelectual.

Referências

- BORNHEIM, Gerd. **Introdução ao Filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. São Paulo: Globo, 1989.
- CLAIR, André. **Kierkegaard existence et éthique**. Paris : Presses Universitaires de France, 1997.
- DIAS, Rosa Maria. Homenagem ao Professor Gerd Bornheim. **Aisthe**, n. 1, p. 91-98, 2006.
- GOUWENS, David. *Kierkegaard As Religious Thinker*. Cambridge : Cambridge University Press, 1996.
- HONG, Howard V., HONG, Edna (Eds.). **Sören Kierkegaard's Journals and Papers**. [Assisted by Gregor Malantschuck]. Bloomington and London : Indiana University Press, 1967-1978. 7 v.
- KIERKEGAARD, Sören. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discursos.(apresentação e tradução de Álvaro Valls). Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis, Vozes, 2005.
- KIERKEGAARD, **Sören**. *Concluding Unscientific Postscript to Philosophical Fragments*. Princeton : Princeton University Press, 1992.
- KIERKEGAARD, Sören. **Migalhas filosóficas** : ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. Trad. de Alvaro L. M. Valls Petrópolis : Vozes, 1995.
- KIERKEGAARD, Sören. *The Moment and Late Writings*. **Princeton** : Princeton University Press, 1998.
- KIRMMSE, Bruce H. **Kierkegaard in Golden Age Denmark**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- RUDD, Anthony. Believing all things: Kierkegaard on Knowledge, Doubt, and Love. In: PERKINS, Robert L. (Ed.). **Works of Love**. Macon : Mercer University Press, 1999. p. 121-136 (International Kierkegaard Commentary, 16).
- RUDD, Anthony. **Kierkegaard and the Limits of the Ethical**. Oxford : Clarendon Press, 1997.
- RUDD, Anthony. Kierkegaard and the Skeptics. **British Journal of the History of Philosophy**. [s.n.], v. 6, n. 1, p. 71-88, 1998.